

**PENSAR A CATALUNHA HOJE - NOTAS PARA UMA INTERPRETAÇÃO  
GRAMSCIANA DA CRISE NAS RELAÇÕES ENTRE O REINO DA ESPANHA  
E A CATALUNHA<sup>1</sup>**

*Thinking about Catalonia today - Notes for a Gramscian interpretation of the crisis in  
relations between the Kingdom of Spain and Catalonia*

*Pensare Catalunya oggi - Note per un'interpretazione gramsciana della crisi del  
rapporto tra Regno di Spagna e Catalogna*

*Joan Tafalla<sup>2</sup>*

**RESUMO**

A contribuição do artigo é apresentar os estudos gramscianos catalães, à luz do conceito de revolução passiva, traduzindo (em sentido filosófico) o arsenal categorial de Gramsci, dentro do processo de construção do Estado-nação nos territórios incluídos no Reino Bourbon da Espanha.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antonio Gramsci, Revolução passiva, Catalunha, Espanha.

**ABSTRACT**

The contribution of this article is to present Gramscian studies of Catalonia in the light of the concept of passive revolution, translating (in a philosophical sense) Gramsci's categorical arsenal into the process of building the nation-state in the territories included in the Bourbon Kingdom of Spain.

**KEYWORDS:** Antonio Gramsci, Passive revolution, Catalonia, Spain.

**RIASSUNTO**

Il contributo di questo articolo è quello di presentare gli studi gramsciani sulla Catalogna alla luce del concetto di rivoluzione passiva, traducendo (in senso filosofico) l'armamentario categoriale di Gramsci nel processo di costruzione dello Stato-nazione nei territori compresi nel Regno Borbonico di Spagna.

**PAROLE CHIAVE:** Antonio Gramsci, rivoluzione passiva, Catalogna, Spagna.

<sup>1</sup> Texto do discurso pronunciado em 1 de outubro de 2021 no Congresso Gramsci no Mundo de Hoje, realizado em Cagliari, Ghilarza e Ales (Sardenha) nos dias 30/09 e 1 a 3/10 de 2021. O mesmo texto serviu como base para a intervenção, em Sabadell/Espanha, no dia 21 de outubro do mesmo ano, no seminário Republicanismo e processo constituinte, organizado pela Associação Sabadell pela República.

<sup>2</sup> Joan Tafalla, doutorado de pesquisa em História Moderna e Contemporânea pela Universidade Autônoma de Barcelona, com uma tese sobre a luta do movimento populare camponês e urbano conta a economia política fisiocrata e pelo direito de existir durante a Revolução Francesa. É presidente da Associação Catalã de Estudos Gramscianos (IGS), <https://gramsci.cat/>.

## INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

A preparação de um artigo sobre Gramsci na Catalunha hoje, para a conferência intitulado *Gramsci no mundo de hoje*, me levou a pensar se a proposta interpretativa de Gramsci sobre a construção do Estado-nação italiano como uma revolução passiva<sup>4</sup> é aplicável ao fracasso recorrente da construção do Estado-nação nos territórios incluídos no Reino Bourbon da Espanha<sup>5</sup>. Não estou me referindo a um trabalho acadêmico de história comparada, que, além disso, seria muito útil. Refiro-me ao uso da possível analogia ou diferenças entre os processos de formação dos dois estados como uma ferramenta de análise estratégica.

Estou ciente da dificuldade de tentar fazer um exercício como este. Na Espanha já temos um exemplo de aplicação, excessivamente mecânica, da comparação entre a relação entre o Piemonte e o resto da Itália, na construção do Reino da Itália e a relação entre a Catalunha, durante a formação do Reino Bourbon da Espanha nos tempos contemporâneos. Refiro-me à tese de Jordi Solé Tura, o catalanismo e a Revolução do Bourbon. Uma tese importante que foi criticada na época de seu surgimento por grande parte da historiografia catalã<sup>6</sup>.

Hoje mesmo faz quatro anos, desde 1 de outubro de 2017. Alguns de vocês se lembrarão das imagens da tentativa de referendo sobre autodeterminação que foi proibida e, brutalmente reprimida, pelo Ministério do Interior do Reino da Espanha. A recente prisão de Carles Puigdemont, em Alghero, em 23 de setembro, mostra o quanto estamos longe do fim do conflito. Estes são acontecimentos estonteantes. O esplendor produzido por eventos deste tipo, geralmente, nos impede de ter uma visão global de todo o conflito, captando sua dinâmica, seu ritmo de desenvolvimento, sua direção de marcha, os objetivos reais dos participantes e as sucessivas mudanças no equilíbrio de poder.

Desde 2010, ano da enésima reabertura da questão nacional catalã, a questão do chamado

<sup>3</sup> Texto original em italiano traduzido por Maria Margarida Machado.

<sup>4</sup> Antonio Gramsci, Quaderno 19. Antonio Gramsci, *Quaderni del carcere*, Edizione critica dell'Istituto Gramsci, a cura di Valentino Gerratana, Torino, Einaudi Editore, 1975, Tomo III, pp. 1959-2078.

<sup>5</sup> Refiro-me a todos os territórios e países incluídos no Reino da Espanha desde 1714, excluindo as colônias perdidas no curso do Século XIX.

<sup>6</sup> Jordi Solé Tura, *Catalanismo y revolución burguesa*, Madrid, Editorial Cuadernos para el dialogo, 1974. Re-edició a El Viejo Topo, 2017, prefazione de **Javier Cercas**, introduzione di **Joan Botella**, **postfazione** di **Borja de Riquer**. Per una storia della borghesia catalana: Antoni Jutglar, *Els burgesos catalans*, Barcelona, Editorial Norfeu, 1966.

“processo” tem sido uma das manifestações mais evidentes da crise do regime espanhol de 1978<sup>7</sup>. Nesta breve intervenção de hoje, não posso deixar de lado a análise do outro vetor da crise do regime: o movimento 15-M, os indignados e o populismo<sup>8</sup>.

Creio que o dispositivo conceitual de Gramsci nos fornece boas ferramentas para interpretar o fenômeno do avanço vertiginoso e da aparente consolidação do movimento de independência popular na Catalunha. Um indicador deste crescimento é a ascendência eleitoral do independentismo em poucos anos, de 9,5% nas eleições regionais de 1995 e 4,2% nas gerais de 1996, para 51,1% nas últimas consultas.

Este aumento é mais do que apenas o produto de uma máquina eleitoral de estilo populista. Embora, uma máquina deste estilo, tenha operado em plena capacidade nos últimos anos na Catalunha. É um verdadeiro terremoto político sobre o qual se deve refletir para evitar estigmatização e insultos. Um fenômeno de enorme magnitude que nos chama a usar as ferramentas que Gramsci forjou, sob condições muito duras. A comparação entre este fenômeno e o da Liga do Norte na Itália, baseada em prejulgamentos, é reducionista e não permite uma análise útil para entender o que está acontecendo.

Os resultados eleitorais revelam processos sociais, mudanças na mentalidade popular e no senso comum, que vão além das mudanças político-institucionais. Além das mudanças e crises políticas institucionais, no caso do movimento de independência catalã, os resultados eleitorais nos revelam a existência de uma densa rede de associações culturais e sociais, de uma densa sociedade civil. Indica também mudanças importantes na mentalidade popular, no senso comum das grandes massas, que durante décadas permaneceram em silêncio, no mundo do consenso e do conformismo, e que nos últimos dez anos se tornaram ativas e irromperam no espaço público, reivindicando uma ruptura democrática e republicana com a ordem da monarquia dos Bourbons.

Antes de mais nada, um ponto que não tenho tempo para demonstrar aqui: a burguesia catalã nunca foi independente, não é e previsivelmente não será. Não foi independentista nem em 1640, nem em 1714, nem no século XVIII, nem ao longo dos séculos XIX e XX<sup>9</sup>. A burguesia industrial catalã participou, ativamente, do frustrado momento fundador da moderna nação espanhola: as Cortes de Cádiz de 1812. Ao longo do século XIX, esforçou-se para fazer da

<sup>7</sup> O leitor italiano desfruta de excelentes relatórios e análises este ano em Marco Santopadre, *La sfida catalana. Cronaca di una rivoluzione incompiuta*, Milano, Pgreco Edizioni, 2018.

<sup>8</sup> Embora alguns estudos apontem corretamente para a inter-relação na Catalunha entre os dois fenômenos, minha breve intervenção não pode se deter sobre este assunto. Recomendo a leitura do discurso que meu colega Anxo Garrido fez há alguns minutos nesta conferência em nome da Associação Espanhola de Estudos Gramscianos-IGS-Espanha, que ofereceu uma excelente visão geral sobre este assunto.

<sup>9</sup> Ler: Joan Tafalla, *Apunts per a una anàlisi de classe sobre les actituds de la burgesia radicada a Catalunya envers el procés, 16 de febrer de 2019*: [https://lallibertatdelsantics.blogspot.com/2019/02/amb-la-benedicció-de-foment\\_16.html](https://lallibertatdelsantics.blogspot.com/2019/02/amb-la-benedicció-de-foment_16.html)

Catalunha o Piemonte da Espanha.<sup>10</sup> Seu programa era um Reino da Espanha, que deveria proteger a indústria catalã. Nunca e de forma alguma ela exigiu a formação de um Estado catalão independente.

A fração territorial catalã da burguesia espanhola lutou contra o federalismo republicano de *Pi e Margall*, porque acreditavam que este fragmentava o mercado “nacional” espanhol e preparava o caminho para as transformações democráticas e sociais.<sup>11</sup>

Mas, havia uma enorme diferença entre a Espanha e a Itália. O Piemonte, através do que Guido Dorso chamou de “conquista real” do resto da península italiana<sup>12</sup>, impôs o protecionismo contra os interesses do Mezzogiorno. Antonio Gramsci insistiu em vários trabalhos sobre o papel do protecionismo na formação do Estado moderno, por exemplo: *Alguns Temas da Questão Meridional*,<sup>13</sup> em *A Situação Italiana e as Tarefas do PCI*,<sup>14</sup> em vários parágrafos dos cadernos do Cárcere<sup>15</sup> ou em muitos de seus escritos sobre a Sardenha.<sup>16</sup> Discuti esta questão em minha apresentação na produção: *Questão Meridional*, atualmente em edição.

Este não foi o caso na Espanha. O protecionismo e a burguesia catalã foram derrotados. Em qualquer caso, a derrota do protecionismo na Espanha não beneficiou o Mezzogiorno espanhol. O Mezzogiorno espanhol teve um destino histórico semelhante ao Mezzogiorno italiano. Outra diferença notável entre os dois casos é que o Reino da Espanha perdeu suas colônias no exterior e lutou duro para preservar o norte de Marrocos, ao mesmo tempo em que a Itália estava se lançando na conquista da Líbia, da Abissínia e dos Bálcãs.

Mas, um elemento comum entre a Itália e a Espanha é o fato de que, embora o discurso nacionalista italiano tenha sido promovido, durante o Risorgimento, pela burguesia industrial piemontesa, um dos principais locais de nascimento e impulsos do nacionalismo espanhol foi dentro da burguesia industrial catalã<sup>17</sup>. Não, a burguesia catalã nunca foi a favor de um Estado catalão. A fração da burguesia espanhola, com sede na Catalunha, nunca esqueceu o princípio

<sup>10</sup> Ler: Joan Tafalla: España/Cataluña: pueblo/nación/estado (siglos XVIII-XXI) In: *España/Cataluña: pueblo/nación/estado (siglos XVIII-XXI)*, 17 de marzo 2018: <https://lallibertatdelsantics.blogspot.com/2018/05/espanacataluna-pueblonacionestado.html>

<sup>11</sup> Joan-Lluís Marfany, *Nacionalisme espanyol i catalanitat. Cap a una revisió de la Renaixença*, Barcelona, Edicions 62, 2017.

<sup>12</sup> Guido Dorso, *La rivoluzione meridionale*, Torino, Einaudi Editore, 1955, p. 6.

<sup>13</sup> Antonio Gramsci, *Alcuni temi della questione meridionale*, in *La costruzione del Partito comunista, 1923-1926*. Torino, Einaudi Editore, 1978, pp. 137-158

<sup>14</sup> Antonio Gramsci, *La situazione italiana e i compiti del PCI*, ob. cit., pp. 488-513.

<sup>15</sup> Antonio Gramsci, *Quaderni del carcere*, ob. cit., Q. 9 § <110>, Q. 19 § <24> e <26>.

<sup>16</sup> Antonio Gramsci, *Scritti sulla Sardegna*, Nuoro, Ilisso, 2008.

<sup>17</sup> Como demonstrou claramente Josep Lluís Marfany, *Nacionalisme espanyol i catalanitat*, ob. cit., pp. 881-903.

defendido por Pierre Vilar: para a burguesia, a pátria é o mercado<sup>18</sup>.

Apesar das enormes e dramáticas mudanças no equilíbrio de poder, entre as facções burguesas espanholas, produzidas pela integração na União Europeia e a globalização da economia, a burguesia catalã ainda não esqueceu este princípio defendido por Pierre Vilar<sup>19</sup>. Basta ler suas análises e propostas, nos órgãos e lugares onde ela assume o papel de classe hegemônica: a associação patronal *Foment del Treball* e o *Cercle d'Economia*<sup>20</sup>. É importante analisar a evolução da burguesia catalã, entre 2007 e o presente, para compreender seus objetivos, sua direção de viagem, suas exigências e suas propostas. Ninguém pode concluir que a independência faz parte de seu programa.

Há também outra tese que não posso demonstrar aqui por falta de tempo. É um erro identificar o chamado “processo” iniciado pela fração catalã da burguesia espanhola para renegociar, dentro do regime do Reino da Espanha, com o movimento de independência popular. O “processo” tem um caráter instrumental, tático e oligárquico. Ele pretende apenas renegociar um lugar ao sol. Entretanto, o movimento de independência popular, que tem uma composição social próxima ao povo operário, defende um programa democrático popular de uma assembleia constituinte republicana de um novo Estado, e que, em sua esmagadora maioria, defende um projeto de país de caráter nacional popular.

É um erro agrupar os dois componentes do movimento, que são tão diferentes um do outro. Fazê-lo é esquecer que, dentro do movimento, há uma disputa permanente sobre a direção política e o projeto intelectual e moral do movimento. Fazer este agrupamento simplista e redutor é desistir de pensar na Catalunha tal como ela é.

Para analisar a persistência da rebelião catalã, precisamos de uma análise histórica de longo prazo. O Reino da Espanha deve ser entendido como uma formação social, ou seja, como

<sup>18</sup> Pierre Vilar, *Sobre els fonaments de les estructures nacionals*, in *Estat, nació, socialisme. Estudis sobre el cas espanyol*, Barcelona, Curial, 1982, p. 19. Pierre Vilar pode não estar na moda, mas vale a pena.

<sup>19</sup> Ver: Joan Tafalla, *La burgesia no posa mai tots els ous al mateix cistell*, <https://lallibertatdelsantics.blogspot.com/2018/09/sobre-lart-de-no-posar-tots-els-ous-en.html>.

<sup>20</sup> Ver: Foment del Treball Nacional, Institut d'Estudis Estratègics de Foment, Informe de Coyuntura, julho de 2021, *Entender el momento. Aprovechar la recuperación. Evitar la euforia. Prioridades ante una nueva legislatura en Catalunya*: <https://www.foment.com/es/items/institut-destudis-estrategics-1r-informe-conjuntura/>. É muito importante ter em mente o Círculo de Economia, ver o documento acordado pelas diversas facções de classe da burguesia espanhola sediada na Catalunha: *Agenda reformista en beneficio de las nuevas generaciones* <https://cercledeconomia.com/es/nota-dopinio-agenda-reformista-en-benefici-de-les-noves-generacions/>.

um bloco histórico e, portanto, como uma estrutura estatal da luta de classes.<sup>21</sup> Sua existência legal como Estado não lhe confere, automaticamente, o caráter de um Estado-nação. A construção de um Estado-nação requer mais consenso e menos coerção.

Parto de uma interpretação da história do Reino da Espanha como uma história de três revoluções passivas intercaladas com genocídio.<sup>22</sup> A primeira dessas três revoluções passivas começaria com o fracasso da constituição de 1812 e a revolução de 1820, e seria consolidada com a revolução liberal de 1835; uma revolução vinda de cima sem a participação das classes subalternas. Este período de revolução passiva duraria até 1868. O fracasso da revolução de 1868 e da primeira República marcaria o início de uma segunda revolução passiva, entre 1873 e o advento da segunda República em 1931. Um período apelidado de Restauração na historiografia espanhola.

Uma das consequências desta história de três revoluções passivas foi o fracasso do projeto de construção de um estado-nação espanhol. As classes dirigentes espanholas, incluindo suas facções catalãs, basca e galega, formaram um Estado, cuja unidade não goza de muito consenso na Catalunha, no País Basco e na Galiza. Este é o produto do fracasso do projeto de construção do Reino da Espanha como um Estado-nação, contido na Constituição de Cádiz de 1812. Com o golpe de Estado fascista e a guerra de 1936-39, as classes dirigentes espanholas, incluindo a burguesia catalã, conseguiram bloquear e erradicar a poderosa ascensão das classes subalternas, seu movimento operário e o republicanismo popular e democrático, através de uma guerra fascista contra o povo que atingiu o caráter de genocídio<sup>23</sup>.

Esta longa revolução passiva, dividida em várias etapas, impediu a construção bem-sucedida de um Estado-nação. Emulando as palavras pronunciadas por D'Azeglio para o caso italiano, poderíamos dizer que as três revoluções passivas construíram um estado espanhol, mas, em certos territórios, não conseguiram “criar espanhóis”.

<sup>21</sup> Ver: Joan Tafalla, *Bloque histórico, crisis orgánica y revolución pasiva*, 3 de juny de 2017 a: <http://lallibertatdelsantics.blogspot.com/2019/11/bloque-historico-crisis-organica-y.html>

<sup>22</sup> Joaquin Miras e eu fiz esta proposta interpretativa em 2013 de uma forma que talvez ainda seja um pouco esquemática: *La izquierda como problema*, Vilassar de Dalt, El Viejo Topo, 2013. Deve-se notar que desde o final de 2017, ambos os co-autores do folheto tiraram conclusões diferentes desta interpretação proposta. Por sua vez, José Luis Villacañas utilizou recentemente o conceito de revolução passiva para interpretar a história da Espanha do século XX: "Los españoles, durante muchísimo tiempo, han vinculado el sentido de la libertad, que esencial en el republicanismo, a sus propios fueros", em <https://www.agoncuestionespoliticas.com/entrevista-jose-luis-villacanyas>.

<sup>23</sup> Ver Mario Onaindia, *La construcción de la nación española. Republicanismo y nacionalismo en la Ilustración*, Barcelona, Ediciones B, 2002. Este é um excelente estudo sobre as origens intelectuais do Iluminismo espanhol e do projeto de construção do Estado-nação implícito na Constituição de Cádiz. Entretanto, em nenhum momento o autor reflete sobre as razões do fracasso deste projeto como produto das três revoluções passivas na história do Reino Bourbon da Espanha.

No final do regime franquista, começou a terceira longa revolução passiva, que foi consolidada com a constituição “gatopardiana” de 1978. Uma longa revolução passiva de quarenta e quatro anos e a ser contada. Essa constituição foi um reflexo legal das relações de poder, não só entre a burguesia e a classe trabalhadora, mas também entre as diversas frações territoriais da burguesia espanhola. Era também um reflexo da falta de jacobinismo na esquerda política. Toda revolução passiva acaba se expressando através de fenômenos transformistas ou cesaristas.

Como produto das importantes mudanças geopolíticas e econômicas europeias e globais, a última “convulsão tectônica” do bloco histórico do Reino da Espanha ocorreu entre os anos 2008-2011<sup>24</sup>. Houve uma forte agitação na forma de um movimento no Estado, como um todo por mudanças de regime e um novo processo constituinte. Este impulso hoje parece desaparecer, em meio à transformação molecular das novas elites políticas, e ao esgotamento da estratégia populista.

Na Catalunha, no entanto, a lacuna permanece aberta. A persistência da rebelião catalã e seu ressurgimento, nos últimos dez anos, é uma resposta popular ao grave ataque contra as promessas não cumpridas da Constituição de 1978. A forma política que esta rebelião assume é o catalanismo popular, em sua versão atual de independência. Não foi a forma que tomou há onze anos. Este fato é determinado pelo fracasso na construção de um Estado-nação espanhol.

Diante desta realidade, o PSOE pretende apenas fazer mudanças epidérmicas. Seu programa coincide com o programa das organizações empresariais “Cercle d'Economia”<sup>25</sup> e e “Foment del Treball”<sup>26</sup>.

Várias forças da esquerda espanhola e catalã defendem a refundação do Estado espanhol, com base em uma confederação multinacional<sup>27</sup>. Diante desta louvável e desejável proposta, deve-se notar que esta não será uma operação fácil. Uma tentativa deste estilo só poderá ser bem-

<sup>24</sup> Analisado em tempo real por um dos mais valiosos intelectuais orgânicos da atual burguesia catalã, Enric Juliana, em um livro poderoso: *La deriva de España. Geografía de un país vigoroso y desorientado*, Barcelona, RBA, 2009. Enric Juliana foi descrito por alguns líderes do Podemos como um “Gramsciano de direita”. Os caminhos da subalternidade são inescrutáveis.

<sup>25</sup> Ver: “Cercle d'Economia”: Propostas para modificar a autogovernança da Catalunha e o funcionamento do modelo territorial do Estado, <https://cercledeconomia.com/propostes-per-modificar-lautogovern-de-catalunya-i-el-funcionament-del-model-territorial-destat/>

<sup>26</sup> Ver: Joan Tafalla, *Amb el permís de Foment*: [https://lallibertatdelsantics.blogspot.com/2019/02/amb-la-benedicccio-de-foment\\_16.html](https://lallibertatdelsantics.blogspot.com/2019/02/amb-la-benedicccio-de-foment_16.html)

<sup>27</sup> Ver duas obras de Xavier Domènec: *Hegemonías. Crisis, movimientos de resistencia y procesos políticos (2010-2013)*, Madrid, Akal, 2014; dello stesso autore: *Un haz de naciones. El Estado y la plurinacionalidad en España (1830-2017)*, Barcelona, Editorial Península, 2020. Vedere anche: Gerardo Pisarello, *Dejar de ser súbditos: El fin de la restauración borbónica*, Madrid, Akal editor, 2021.

sucedida se for convocada uma assembleia constituinte republicana, baseada no princípio democrático da união livre dos povos, através do exercício do direito à autodeterminação, assim como a liberdade de todos os presos e exilados políticos. É fácil fazer uma previsão para o futuro a médio prazo. Se estas condições mínimas não forem cumpridas, a questão catalã permanecerá no centro da política espanhola por muitos anos.

As raízes gramscianas de tal proposta parecerão óbvias, para qualquer um que tenha lido a carta de Gramsci de 12 de setembro de 1923<sup>28</sup>, na qual ele formulou a proposta de uma “república federal de trabalhadores e camponeses”, ou o relatório que Athos Lisa apresentou à liderança do PC d'I em 1933. Segundo Lisa, para Gramsci, a Assembleia Constituinte foi “o dedo na ferida”<sup>29</sup>.

Os tempos mudaram radicalmente. Os princípios, não.

*Recebido em 12 de maio de 2023*

*Aceito em 13 de agosto de 2023*

*Editado em novembro de 2023*

<sup>28</sup> Antonio Gramsci, *Vita a traverso le lettere*, a cura de Giuseppe Fiori, Torino, Einaudi editore, 1994, p. 46.

<sup>29</sup> Antonio Gramsci, *Escritos políticos (1917-1933)*, Cuadernos de Pasado y Presente, nº 54, México DF, Siglo XXI editores, 1977, p. 379.